

# Diretrizes sobre as ofertas e contribuições<sup>1</sup>.

Como vemos o *dízimo* na **Fonte PA**?

## 1. No Mundo Antigo

Muitas culturas do Mundo Antigo conheciam alguma forma de *dízimo*. A prática era conhecida em Ugarítico, Babilônia e Assíria (Oppenheim, Milgrom), entre os Catergianos (Diodorus 10.14), no Egito, na Sírios (1Mac 10:31; 11:35), na Lídia (Her. Hist. 1.89). Muito embora a prática fosse conhecida em muitos lugares no mundo, mesmo antes da instituição do mesmo no Antigo Testamento, isso não significa que o *dízimo* em Israel e nas outras nações partilhavam do mesmo sentimento ou tinham o mesmo significado. Significa apenas que a instituição do *dízimo* em Israel não era uma invenção da nação ou uma novidade histórica. Significa apenas que o mesmo era uma adequação de um antigo sistema de impostos já conhecido em outras nações.

Em outras palavras, a *doação* (ou entrega) de parte da produção eram realizadas como *ofertas* religiosas para a autoridade política que liderava uma determinada nação, ou como uma forma de impostos ou taxas de serviço. Como no mundo antigo não existia separação entre religião e política, o *dízimo* era ao mesmo tempo um imposto e uma contribuição.

## 2. Em Israel

Muito embora as primeiras menções do *dízimo* no AT façam referência a um ato voluntário (Gn 14:20; 28:20-22), a Lei Mosaica tornou o mesmo mandatório para todo o povo. Não obstante, tal obrigação era um privilégio para o povo de Israel. A perspectiva do AT sobre o *dízimo* partia da convicção de que Deus é o criador e dono de todas as coisas (Gn 1; Dt 2:5; 10-12; 20-23; 31), e como Ele era o dono da terra de Canaã (Dt 4:1), ao entregar essa terra aos hebreus, Ele esperava que Israel oferecesse parte dela de volta ao Senhor através do *dízimo* daquilo que se produzia ali (Dt. 26:1-15; cf. Lv 27:30-33).

Além disso, a entrega do *dízimo* muitas vezes centralizada no templo apontava para o valor e a importância da estrutura religiosa da nação, reconhecendo sua liderança na figura dos sacerdotes e levitas como representantes de Deus entre a nação. O *dízimo* era também uma oportunidade de relembrar as bênçãos de Deus quando eles eram escravos através da imitação de sua generosidade com escravos, pobres, órfãos e viúvas. Desse modo, o *dízimo* tornou-se o meio pelo qual Israel expressava seu amor aos seu próximo (Dt 14:28-29; cf. Dt 6:4-9; Lv 19:18), como um ato de alegria e comunhão no contexto da celebração comunitária (Dt 14:26). Não é à toa que as reformas espirituais de Israel enfatizavam a seriedade do *dízimo* (cf. 2Cr 31:4; Ne 10:37; 13:1-14; Am 4:4; Ml 3:8).

É por isso que o sistema de *dízimo* de Israel delimitava a diferença entre a nação de Deus e todas as outras nações (Dt 14:22-29). Apenas uma nação santa e separada poderia funcionar com tamanha convicção perante seu sistema de impostos, contribuição religiosa e auxílio assistencial.

---

<sup>1</sup> Material desenvolvido por Marcelo Berti com base nos artigos de Andreas Köstenberger. Adaptações foram feitas.

### 3. No Antigo Testamento

São muitos os textos no Antigo Testamento que falam sobre o assunto do *dízimo* por isso aqui os apresentamos divididos em três partes demonstrando em cada um o seu devido contexto.

#### a. Antes da Lei: Contribuição Voluntária

Antes da instituição do *dízimo* nas leis de Israel, o mesmo não era realizado de modo sistematizado nem de modo contínuo. Muito pelo contrário, a prática do *dízimo* era ocasional, ou melhor, uma forma excepcional de contribuição. Três textos apontam para esse fato:

1. **Abel:** O relato de Gn 4 pouco nos informa sobre o contexto da oferta de Caim e Abel. Ao que parece o texto presume que a devolução ao Senhor era necessária, mas nenhuma explicação é oferecida. Além disso, não sabemos se a oferta era aqui mandatória. Tudo o que se sabe a partir do texto é que a oferta de Caim fora rejeitada em função de sua atitude dissonante com sua oferta: “O Senhor *aceitou com agrado Abel e sua oferta, mas não aceitou Caim e sua oferta*” (Gn 4:4-5). O problema da oferta de Caim nada tinha a ver com o tipo ou qualidade de sua oferta. Aliás, o texto deixa claro que *Caim ofereceu a Deus o fruto do seu trabalho* (v.3b) *no tempo adequado para isso* (v.3a). Ao que parece, nada havia de errado com suas atitudes. Por outro lado, se o NT nos oferece alguma luz sobre o que acontece aqui é que a oferta de Abel fora realizada como um ato de fé (cf. Hb 11:4), o que sugere que a atitude de Caim, contrária a do seu irmão, não teria sido um ato de adoração por fé. Ou seja, embora tenhamos pouquíssimas informações sobre a prática do *dízimo* de Abel, sabemos que ela fora realizada em fé como um ato de adoração. Além disso, a completa falta de presença de uma ordenança para que tal oferta fosse realizada, sugere que a mesma teria sido voluntária.
2. **Abraão:** Embora eventualmente Abrão tenha adorado a Deus com a construção de um altar para adorar a Deus em outro texto (cf. Gn 13:14-17), a primeira vez que Abrão aparece realizando o *dízimo* acontece em Gn 14:20: “E bendito seja o Deus Altíssimo, que entregou seus inimigos em suas mãos. *E Abrão lhe deu o dízimo de tudo.*” Nesse contexto, três pontos são interessantes: (a) a oferta de Abrão teve Melquisedeque o sacerdote; (b) Ele ofertou a décima parte de tudo o que recuperou, não do que já possuía (Gn 14:16; cf. Hb 7:4); (c) A prática do *dízimo* de Abrão não condiz com a prática estabelecida pela Lei (cf. Nm 31:27-29; Dt 14). Além disso, o texto nada fala sobre a prática continuada do *dízimo* na vida de Abrão, apenas o descreve aqui como um evento ocasional. Ao que parece, a história de Abrão o apresenta fazendo aquilo que culturalmente já se conhecia no mundo antigo e não precisava de qualquer elaboração mais profunda. Digno de nota é novamente a completa ausência de mandamento para que o *dízimo* fosse realizado na narrativa de Abraão, o que aponta novamente para o fato de que nesse período a prática do *dízimo* era ocasional e voluntária. Talvez o exemplo de Abrão pudesse ser uma referência para *ofertas ocasionais* para receitas inesperadas ou incomuns.
3. **Jacó:** A história de Jacó é um pouco longa, mas sabemos que ele prometeu oferecer a Deus o *dízimo* (cf. Gn 28:22). Diferente do que se pensa, o contexto da narrativa demonstra que esse voto era marcado pela completa falta de confiança em Deus por parte de Jacó do que um ato de adoração. Considere que Deus já lhe havia prometido: “*Eu sou o Senhor, o Deus de seu pai Abraão e o*

*Deus de Isaque. Darei a você e a seus descendentes a terra na qual você está deitado. Seus descendentes serão como o pó da terra, e se espalharão para o Oeste e para o Leste, para o Norte e para o Sul. Todos os povos da terra serão abençoados por meio de você e da sua descendência. Estou com você e cuidarei de você, aonde quer que vá; e eu o trarei de volta a esta terra. Não o deixarei enquanto não fizer o que lhe prometi*” (Gn 28:13-15). Mesmo tendo recebido tal promessa de Deus, Jacó responde com medo e constrói um altar, dando-lhe o nome de Betel (vv.16-19). Logo após, Jacó faz um voto cheio de condicionais: *“Se Deus estiver comigo, se cuidar de mim nesta viagem que estou fazendo, se prover-me de comida e roupa, se elevar-me de volta em segurança à casa de meu pai, então o Senhor será o meu Deus. E esta pedra que hoje coloquei como coluna servirá de santuário de Deus; e de tudo o que me deres certamente te darei o dízimo”* (Gn 14:20-23). Em outras palavras, ao invés de Jacó ser apresentado como oferecendo a Deus o *dízimo* como um ato de adoração, a narrativa aponta para alguém fazendo uma barganha baseada no conteúdo de uma promessa já realizada. A falta de fé de Jacó é o que chama a atenção. Pior do que isso, é a completa falta de indicação de que Jacó tenha cumprido seu voto. Em nenhum lugar na narrativa de Gênesis nós o vemos cumprindo sua palavra. Ainda que ele tenha voltado a Betel e lembrado a graça de Deus (cf. Gn 35:1-15), o texto não o apresenta realizando do *dízimo*.

Em outras palavras, a evidência do período anterior a Lei de Moisés sugere que não existiam na história de Israel uma prática sistematizada para o *dízimo*. Não existe nenhum mandamento para se realizar o dízimo, nem evidência de uma prática sistemática ou continuada. Digno de nota é que todas as contribuições anteriores à Lei de Moisés foram voluntárias.

## b. Lei de Moisés: Contribuição Instituída

São três os principais textos sobre o *dízimo* na Lei de Moisés, a saber Lv 27:30-33, Nm 18:21 e Dt 14:22-29 e apresentam três tipos de dízimo apresentados na Lei. Diferente do que normalmente se pensa, a prática do *dízimo* na Lei era bem mais abrangente do que a contribuição religiosa.

1. **Dízimo Religioso:** Na estrutura religiosa de Israel, os Levitas mediavam o relacionamento entre o povo e Deus realizando ofertas diárias pelo pecado (cf. Nm 18:21; Lv 27:30-33). Nesse contexto, os Levitas recebem o *dízimo* como pagamento por seus serviços e por não terem herança na terra. O *dízimo* era aqui apresentado em forma de animais, terra, sementes e frutas. Muito embora a terra, semente e frutas pudessem ser redimidas com dinheiro, os animais não poderiam. Essa oferta era mandatória para todo o povo, pois tratava-se da subsistência dos Levitas. Além disso, os Levitas eram também obrigados a oferecer o *dízimo* do que recebiam para os sacerdotes. Ao que parece, esse *dízimo* estava diretamente relacionado à operação do templo e de suas funções religiosas.
2. **Dízimo Comemorativo:** Existia em Israel um segundo tipo de dízimo, que era para ser realizado como uma forma de celebração nacional (cf. Dt 14:22-27). Esse *dízimo* pode ser distinguido do anterior pelo fato de que *dízimo* comemorativo o ofertante era convidado a participar de sua contribuição, observe: *“Separem o dízimo de tudo o que a terra produzir anualmente. Comam o dízimo do cereal, do vinho novo e do azeite, e a primeira cria de todos os seus rebanhos na presença do Senhor, o seu Deus, no local que Ele escolher como habitação do seu Nome, para que aprendam a temer sempre o Senhor, o seu Deus”* (vv. 22-23). Essa comemoração anual incluía a reunião do povo no lugar destinado para a celebração, e de modo festivo eles deveriam comprar o que desejassem para festejar como comunidade diante de Deus: *“Com prata comprem o que quiserem: bois, ovelhas, vinho ou*

*outra bebida fermentada, ou qualquer outra coisa que desejarem. Então juntamente com suas famílias comam e alegrem-se ali, na presença do Senhor, o seu Deus” (v.26).*

- 3. Dízimo Social:** Além disso, existia em Israel um terceiro tipo de *dízimo* que visava prover para as pessoas mais pobres da comunidade: *“Ao final de cada três anos, tragam todos os dízimos da colheita do terceiro ano, armazenando-os em sua própria cidade, para que os levitas, que não possuem propriedade nem herança, e os estrangeiros, os órfãos e as viúvas que vivem na sua cidade venham comer e saciar-se, e para que o Senhor, o seu Deus, os abençoe em todo o trabalho das suas mãos”* (Dt 14:28-29). Essa oferta era feita a cada três anos e tinha os Levitas, estrangeiros, órfãos e viúvas como recipientes. Era um modo de arrecadar fundos para aqueles que não tinham recursos suficientes para enfrentar as dificuldades da vida.

Em outras palavras, a prática do *dízimo* na Lei de Moisés era muito mais do que uma contribuição compulsória da décima parte das receitas de um indivíduo. A bem da verdade, considerando os três tipos de *dízimo* da Lei, estima-se que a prática do *dízimo* incluía a contribuição de 22% a 25% das receitas do povo e não era dedicada somente às práticas religiosas. Existia nessas práticas uma clara preocupação social e comunitária. A festividade anual e sua provisão para celebração comunitária diante de Deus revelava um caráter muito mais participativo da contribuição na Lei de Moisés. Muito diferente do que se pensa, a prática do *dízimo* em Israel era comunitária, social e religiosa e incluía muito mais do que apenas 10% muitas vezes proclamados nos nossos dias.

## c. Depois da Lei: Contribuição Corrigida

Nos textos posteriores a Lei de Moisés no Antigo Testamento são sete os textos principais sobre o assunto (2Cr 31:5-6; Ne 10:38-29; 12:44-47; 13:5, 12; Am 4:4 e Ml 3:8). Chama a atenção o fato de que não se encontra nos livros poéticos do AT qualquer menção ao *dízimo*. O hinário de Israel, o livro de Salmos, não contém nenhuma nota litúrgica sobre a contribuição. Provérbios que contém uma série de princípios sobre finanças, nada fala sobre a prática do *dízimo*. Além disso, muito que vemos nesses texto parece descrever o que já fora demonstrado na Lei (*cf.* 2Cr 31:5-6), ou serve para corrigir a prática não realizada pelo povo (*cf.* Ne 10:37-39; 12:44-47; 13:5, 12; Am 4:4; Ml 3:8). Por isso, vamos apenas apresentar detalhes do segundo grupo de versos aqui:

- 1. Neemias:** Em Neemias o conceito do *dízimo* aparece como um compromisso de Israel em sustentar as atividades do templo e aqueles que ali serviam: *“Além disso, prometemos obedecer ao mandamento de pagar o imposto anual de quatro gramas de prata para o serviço do templo de nosso Deus. Esse imposto também será usado para providenciar os pães da presença, as ofertas regulares de cereais e os holocaustos, as ofertas para os sábados, para as celebrações da lua nova e para as festas anuais, as ofertas sagradas e as ofertas pelo pecado para fazer expiação por Israel. Será usado para tudo que for necessário para o trabalho no templo de nosso Deus”* (Ne 10:32-33). Esse imposto fora definido por Neemias em função da situação precária do povo naquela ocasião. Considere que em Ex 30:13 a proposta era de doze gramas de prata por ano. Note também que o povo fora conclamado a trazer madeira para realizar manter as funções do templo (v.34), diferente de qualquer estipulação para o mesmo na Lei. Além disso, o povo havia se comprometido a entregar a primeira parte de suas produções: *“Prometemos trazer anualmente ao templo do Senhor os primeiros frutos de todas as colheitas, tanto dos produtos da terra como das árvores frutíferas”* (v.35). Esse *dízimo* seria recolhido pelos Levitas que iam de cidade em cidade recebendo as

contribuições do povo (v.37), porque ao que parece, eles não estavam levando ao templo suas ofertas. Nesse contexto, os Levitas foram conclamados a buscá-las. Além disso, a décima parte daquilo que era recebido pelos levitas era para ser destinado para os sacerdotes, guardas das portas e para os cantores (v.39). Aqueles que serviam no templo e todas as funções do mesmo deveriam ser mantidas e sustentadas pelo povo. Como um ato de renovação espiritual, o povo se compromete a fazer o que for necessário para manter o templo e suas funções religiosas.

2. **Amós:** Em Amós 4;1-3 nós lemos a respeito de mulheres que oprimiam os pobres e esmagavam os necessitados e coagiam seus maridos a continuarem tal opressão. Esse povo que oprimia o pobre ainda se colocava diante de Deus para adorá-lo no local que Amós chama de Betel (v.4a; cf. 1Re 12:26-33). Ao que parece, eles privavam os oprimidos de sustento mas mantinham sua prática religiosa de contribuir com o templo, realizando seus *dízimos* (v.4b). A ironia aqui é que a adoração a Deus feita através da realização do *dízimo* é uma atitude oposta àquela esperada por Deus na descrição do *dízimo social* apresentado na Lei. O povo aqui parece-se mais com Caim do que com Abel, e como ele, eles também foram rejeitados e enfrentariam a justa punição de Deus: “O Senhor, o Soberano, jurou pela sua santidade: *“Certamente chegará o tempo em que vocês serão levados com ganchos, e os últimos de vocês com anzóis. Cada um de vocês sairá pelas brechas do muro, e serão atirados na direção do Harmom, declara o Senhor”* (Am 4:2-3). O que Amós parece ensinar aqui é a oferta do *dízimo* não isenta a pessoa da prática das outras responsabilidades que tem diante de Deus. A correção aqui oferecida era para a desproporcional atenção ao *dízimo* em meio à desconsideração às outras responsabilidades.
3. **Malaquias:** Em Malaquias capítulo 3 nós encontramos um dos mais abusados textos sobre o *dízimo*. Diferente do que normalmente se escuta, a mensagem do profeta aqui não é de condenação, mas é um chamado ao arrependimento nacional. A despeito do constante abandono de Deus pelo povo, Ele continua graciosamente esperando pelo retorno de sua comunidade: *“Desde o tempo dos seus antepassados vocês se desviaram dos meus decretos e não lhes obedeceram. Voltem para mim e eu voltarei para vocês”, diz o Senhor dos Exércitos*” (v.7). Nesse contexto, Deus afirma que o povo o está roubando e explica que o povo falha em realizar seus *dízimos e ofertas* (v.8). Ao que parece pelo contexto, o *dízimo* que o autor tem em mente é o *dízimo religioso* (cf. Nm 18:21) e não o *dízimo comemorativo* (cf. Dt 14:22-29): *“Tragam o dízimo todo ao depósito do templo, para que haja alimento em minha casa”* (v.10). A referência ao templo e ao alimento em sua casa parece sugerir que tanto o templo como aqueles que ali servem haviam sido negligenciados pelo povo de Israel. Agora, note que o autor parece incluir uma possível ignorância do povo em relação às suas responsabilidades: *“Pode um homem roubar de Deus? Contudo vocês estão me roubando. E ainda perguntam: Como é que te roubamos?”* (v.8). Se esse for o caso, a estrutura religiosa do templo não cumpria sua função de instruir o povo adequadamente (cf. Mt 23:23, 28) e padecia por falta de instrução (cf. Os 4:6). Em outras palavras, o sistema religioso de Israel funcionava com uma dupla falha: por um lado não havia ensino por parte do templo, e por outro não havia contribuição por parte do povo. Nesse contexto, o templo e aqueles que viviam das funções religiosas estavam abandonados, por um povo que eles tenham abandonado primeiro. A clara referência ao *dízimo religioso* no texto parece reforçar isso. Mas, e o que dizer das ofertas também apresentadas no texto? Ao que parece elas faziam referência, não às ofertas de cereal ou as ofertas pelo pecado, pois estas eram sagradas, mas antes às ofertas referentes à subsistência dos sacerdotes e levitas (cf. Ex 29:27, 28; Lv 7:14). Essas contribuições eram igualmente compulsórias no sistema de contribuições da nação de Israel. Em outras palavras, esse era o povo que dizia: *“É inútil servir a Deus. O que ganhamos quando obedecemos aos seus*

*preceitos e ficamos nos lamentando diante do Senhor dos Exércitos? Por isso, agora consideramos felizes os arrogantes, pois tanto prosperam os que praticam o mal como escapam ilesos os que desafiam a Deus!”* (vv.14-15). Era um povo cujas prioridades haviam sido subvertidas de tal forma que o louvor do orgulho e da prática do mal já fazia parte da vida daquela comunidade. Por fim, é importante notar a proposta que Deus faz para essa nação desolada pela falta de orientação espiritual: “*Ponham-me à prova, diz o Senhor dos Exércitos, e vejam se não vou abrir as comportas dos céus e derramar sobre vocês tantas bênçãos que nem terão onde guardá-las. Impedirei que pragas devorem suas colheitas, e as videiras nos campos não perderão o seu fruto, diz o Senhor dos Exércitos. Então todas as nações os chamarão felizes, porque a terra de vocês será maravilhosa*” (vv.9-12). Essa não é uma promessa para qualquer pessoal que realize o dízimo, mas um teste que Deus faria com uma nação fracassada: Se eles assumissem sua responsabilidade em realizar os dízimos e ofertas, Deus os abençoaria largamente como testemunho para outras nações. Ao que parece, essa promessa pertencia àquela ocasião e não a um princípio eterno da prática do dízimo, caso contrário, todo “*dízimista fiel*” (pra usar a linguagem contemporânea) seria alguém desprovido de dificuldades financeiras.

O que vemos nesses textos é que a legislação do *dízimo*, em particular o *dízimo religioso* não estava sendo realizado pelo povo. Tal desobediência precisava ser corrigida e a contribuição precisava ser reestabelecida. Nesse contexto a promessa de bênção de Deus para um povo desobediente não deveria ser tomada como um princípio eterno, mas como uma demonstração da graça de um Deus que se põe à prova diante de um povo obstinado e desobediente.

## 4. No Novo Testamento

Para a surpresa de muitos, o Novo Testamento é praticamente silente sobre o assunto do *dízimo*. Três textos apresentam o conceito de *dízimo*: Mt 23:23 // Lc 11:42, Lc 18:9-14 e Hb 7:1-10. Digno de nota é que em nenhum deles tem o *dízimo* como assunto central ou apresentam uma ordem para se *dízimar*.

### a. No Ensino de Jesus: Contribuição Contrastada

Em Mt 23:23 nós lemos: “*Ai de vocês, mestres da Lei e fariseus, hipócritas! Vocês dão o dízimo da hortelã, do endro e do cominho, mas tem negligenciado os preceitos mais importantes da Lei: a justiça, a misericórdia e a fidelidade. Vocês devem praticar estas coisas, sem omitir aquelas*” (cf. Lc 11:42). O ensino de Cristo aqui tem em vista os mestres da lei que da perspectiva da religiosidade eram pessoas acima da média moral do resto do povo. Eles eram vistos oferecendo dízimo de todas as coisas como prescrito pela Lei, mas omitiam aquilo que era mais importante para a vida debaixo da aliança. Nas palavras de Jesus, eles eram *guias cegos* que coavam mosquito e engoliam camelos (v.24), eram homens que limpavam os pratos para manter a aparência da pureza, mas estavam cheios de arrogância (v.25). Em outras palavras, Jesus parece seguir o exemplo do profeta Amos, e visa corrigir a prática do *dízimo* dos escribas e fariseus. Mais interessante é que nessa passagem Jesus não proíbe a prática do dízimo daqueles que viviam debaixo da obrigação de fazê-lo. Aqueles que haviam sido acusados por Cristo de ensinar aquilo que não praticavam (cf. Mt 23:3), são aqui corrigidos por sua prática religiosa e desajustada do *dízimo* em detrimento de outras práticas por eles ignoradas. O ponto de Jesus não é *legislar* sobre como a Sua

comunidade (Mt 16:18-19) deveria contribuir, mas sobre como era nociva a hipocrisia dos fariseus e escribas que haviam transformado do *dízimo* em uma marca da vida religiosa e santa a despeito de uma vida marcada pelo pecado.

De modo similar, em Lucas 18:9-14 nós lemos uma das parábolas de Jesus sobre dois homens que sobem ao templo para orar, um fariseu e outro publicano. De acordo com a descrição de Jesus, o fariseu se orgulhava por não ser um homem comum, como o publicano. Para demonstrar sua superioridade, o fariseu exclama: “*Jejuo duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo quanto ganho*” (Lc 18:12). Esse homem cheio de hipocrisia é contrastado com um publicano que aparentemente não tem nenhum mérito para se gabar diante de Deus e apenas clama por misericórdia. De acordo com Jesus, é esse o homem que volta para casa justificado diante de Deus (v.14). O fariseu hipócrita seria humilhado por Deus, enquanto o publicano seria exaltado.

É interessante notar que seja na parábola de Lucas ou no confronto de Mateus, a hipocrisia religiosa dos fariseus é condenada por Cristo. Em ambos os casos a contribuição do *dízimo* era uma marca de superioridade para os religiosos, mas uma prática condenável diante de Cristo. É evidente que Jesus não condena a prática do *dízimo* aqui, mas fica claro que Ele condena o modo como tal contribuição era praticada.

## **b. No Ensino dos Apóstolos: Contribuição Mencionada**

Outra interessante surpresa na análise do *dízimo* no Novo Testamento é a completa ausência desse assunto nos escritos de Paulo, Pedro, João e Tiago. Com a exceção de Hebreus, o assunto passa despercebido nas páginas do NT. No texto de Hebreu 7:1-10 o autor procura demonstrar a superioridade do sacerdócio de Cristo por demonstrar que a origem do seu sacerdócio é derivado de Melquisedeque (*cf.* v.17) e não do sistema sacerdotal do Antigo Testamento (vv. 11-12). Para fazer isso, o autor apresenta a grandeza de Melquisedeque (Hb 7:1-3; *esp* 4), demonstrando isso em três argumentos: (1) Melquisedeque é maior que Abraão pois é o recipiente de sua oferta voluntária (vv. 5-6); (2) Melquisedeque é maior que Abraão pois foi ele quem o abençoou (v.7); (3) Diferente dos sacerdotes que ministravam durante um período de tempo, Melquisedeque não tem genealogia, “*não tem nem princípio nem fim de dias, feito semelhante ao filho de Deus, ele permanece sacerdote para sempre*” (v.3). É por isso que diante da mudança de sacerdócio, existe uma mudança de Lei (v.12), com um superior sumo-sacerdote (8:1-2) que realizou um sacrifício superior (8:3-10:25). Por ser da linhagem de Melquisedeque, Jesus é superior a todo o sistema religioso de Israel.

Em outras palavras, o assunto descrito nessa passagem nada tem a ver com a prática do *dízimo*. Na verdade, a prática do *dízimo voluntário* de Abraão serviu como uma parte do argumento do autor de Hebreus para demonstrar a superioridade do sacerdócio de Cristo.

## 5. Na Fonte PA

Como ficou evidente na breve análise dos textos específicos sobre o *dízimo* nas escrituras, a prática do mesmo no período anterior à Lei de Moisés consistia em exemplos de contribuição voluntária. Já nas prescrições da Lei nós descobrimos que a porcentagem do *dízimo* ofertado pelo povo era maior do que os 10% do *dízimo religioso*. Também descobrimos que a Lei previa uma contribuição para celebrações da comunidade, que chamamos de *dízimo comemorativo* e uma forma de contribuição com as pessoas mais carentes em Israel, que chamamos de *dízimo social*. Essas formas de contribuição faziam parte do sistema de impostos da nação e serviam para o funcionamento do templo e de suas atividades religiosas. Também vimos que boa parte do ensino dos profetas sobre o *dízimo* tratava-se de uma proposta de correção de práticas equivocadas relacionadas a contribuição, seja a contribuição sem relação com a vida, ou a falta de contribuição.

No que se refere ao ensino do Novo Testamento sobre o *dízimo* ficamos surpresos com a raridade em que o assunto é apresentado. Embora mencionado no ensino de Cristo, a prática do *dízimo* não é recomendada em nenhum dos seus ensinos. Ao que parece, nas palavras de Jesus o *dízimo* é apenas contrastado com a hipocrisia religiosa. De modo similar, em Hebreus, o único livro do NT que usa o termo *dízimo*, o ponto do ensino em nada tem a ver com a prática do *dízimo*. Na verdade, para o autor de Hebreus a prática voluntária de Abraão em dizimar para Melquisedeque serve com parte de um argumento para demonstrar a superioridade do sacerdócio de Cristo.

Diante disso, fica a pergunta então: **Devemos ou não devemos dizimar?** A resposta que oferecemos a essa pergunta é **não**. A responsabilidade do *dízimo* pertencia a Israel e ao seu sistema religioso, e não tem qualquer relação com a dinâmica da vida da igreja. Observe a igreja em Atos, que embora tivesse nascido à sombra do templo (At 2:46) e mantivesse sua rotina religiosa alinhada com as funções do templo (At 3:1, 11; 5:12), em nenhum momento eles entenderam que a comunidade messiânica tinha a obrigação de realizar o *dízimo* na comunidade. Isso não significa que a contribuição não existia dentro da comunidade. Longe disso! A comunidade messiânica tinha entendido que deveria partilhar seus bens com seus irmãos (cf. At 2:44-45; 4:34-35). Em outras palavras, a prática do *dízimo* pertencia à estrutura social e religiosa de Israel, e como tal, essa prática não foi incorporada na igreja primitiva.

Agora, uma segunda pergunta é pertinente aqui: **Podemos ou não podemos dizimar?** A distinção entre as perguntas pode parecer apenas uma questão léxica, mas não é. Na primeira, perguntamos se temos a obrigatoriedade de realizar a prática do *dízimo* tal como expressa no Antigo Testamento. Na segunda perguntamos se podemos usar a referência do Antigo Testamento a respeito do *dízimo* e a utilizar nos nossos dias. Para a segunda pergunta, a resposta tem que ser **sim**. Não existe nada errado em se realizar a prática do *dízimo* nos nossos dias, do mesmo modo que não existe nada errado em não praticá-lo.

É por isso que na **Fonte PA** nós acreditamos que a contribuição eclesiástica não deve ser definida pelos critérios do *dízimo* (como uma ordenança), mas pela *generosidade* (como um privilégio). Na **Fonte PA** são dez os princípios para a contribuição eclesiástica:

1. **Sistemática:** A contribuição cristã deve ser realizada de modo regular: “*Quanto à coleta para o povo de Deus, façam como ordenei às igrejas da Galácia*” (1Co 16:1)



2. **Proporcional:** O cristão deve contribuir de modo proporcional às suas posses e habilidades: *“No primeiro dia da semana, cada um de vocês separe uma quantia, de acordo com a sua renda, reservando-a para que, quando eu chegar, não seja preciso fazer coletas”* (1Co 16:2); *“No meio da mais severa tribulação, a grande alegria e a extrema pobreza deles transbordaram em rica generosidade. Pois dou testemunho de que eles deram tudo quanto podiam, e até além do que podiam”* (2Co 8:2-3);
3. **Sacrificial:** A contribuição deve ser generosa, mas não a ponto de gerar prejuízo para quem contribui: *“Por iniciativa própria eles nos suplicaram insistentemente o privilégio de participar da assistência aos santos”* (2Co 8:3-4); *“Não que eu esteja procurando ofertas, mas o que pode ser creditado na conta de vocês. Recebi tudo e tenho mais que o suficiente. Estou amplamente suprido, agora que recebi de Epafrodito as ofertas que vocês enviaram. Elas são uma oferta de aroma suave, um sacrifício aceitável e agradável a Deus”* (Fp 4:17-18)
4. **Intencional:** A oferta deve ser realizada para atender uma necessidade genuína, não por culpa, pressão ou imposição: *“Como vocês sabem, filipenses, nos seus primeiros dias no evangelho, quando parti da Macedônia, nenhuma igreja compartilhou comigo no que se refere a dar e receber, exceto vocês; pois encontrando-me em Tessalônica, vocês me mandaram ajuda não apenas uma vez, mas duas, quando tive necessidade”* (Fp 4:15-16)
5. **Motivada por Amor:** A contribuição cristã deve ser motivada pelo amor mútuo; do mesmo modo que Cristo morreu por nós, nós devemos nos doar pelos outros: *“Pois vocês conhecem a graça de nosso Senhor Jesus Cristo que, sendo rico, se fez pobre por amor de vocês, para que por meio de sua pobreza vocês se tornassem ricos. Este é meu conselho: convém que vocês contribuam, já que desde o ano passado vocês foram os primeiros não somente a contribuir, mas também a desejar fazê-lo”* (2Co 8:9-10).
6. **Motivada por Igualdade:** A contribuição cristã deve ser feita para auxiliar cristãos a superarem suas necessidades: *“Porque, se há prontidão, a contribuição é aceitável de acordo com aquilo que alguém tem, e não de acordo com o que não tem. Nosso desejo não é que outros sejam aliviados enquanto vocês são sobrecarregados, mas que haja igualdade. No presente momento, a fartura de vocês suprirá a necessidade deles, para que, por sua vez, a fartura deles supra a necessidade de vocês. Então haverá igualdade, como está escrito: ‘Aquele que colheu muito não teve demais, e aquele que colheu pouco não teve falta’”* (2Co 8:12-15).
7. **Motivada pelo Desejo de Abençoar:** A contribuição cristã deve ser realizada com o desejo de abençoar, sabendo Deus abençoa aquele que é generoso: *“Assim, achei necessário recomendar que os irmãos os visitem antes e concluam os preparativos para a contribuição que vocês prometeram. Então ela estará pronta como oferta generosa, e não como algo dado com avareza. Lembrem-se: aquele que semeia pouco, também colherá pouco, e aquele que semeia com fartura, também colherá fartamente”*. (2Co 9:5-6).
8. **Feita com Alegria:** O cristão que contribui deve fazê-lo com alegria: *“Cada um de conforme determinou em seu coração, não com pesar ou por obrigação, pois Deus ama a quem dá com alegria”* (2Co 9:7)
9. **Voluntária:** O cristão deve contribuir com sua comunidade de modo voluntário: *“No meio da mais severa tribulação, a grande alegria e a extrema pobreza deles transbordaram em rica generosidade. Pois dou testemunho de que eles deram tudo quanto podiam, e até além do que podiam. Por iniciativa própria eles nos suplicaram insistentemente o privilégio de participar da assistência aos santos”* (2Co 8:2-4); *Cada um de conforme determinou em seu coração, não com pesar ou por obrigação, pois Deus ama a quem dá com alegria”* (2Co 9:7);
10. **Missional:** O cristão deve contribuir para que a igreja continue a funcionar o evangelho continue a ser propagado: *“Vocês não sabem que aqueles que trabalham no templo alimentam-se das coisas do templo, e que os que servem diante do altar participam do que é oferecido no altar? Da mesma forma o Senhor ordenou àqueles que pregam o evangelho, que vivam do evangelho* (1Co 9:13-14). *“O que está sendo instruído na*

*palavra partilhe todas as coisas boas com quem o instrui” (Gl 6:6); “Os presbíteros que lideram bem a igreja são dignos de dupla honra, especialmente aqueles cujo trabalho é a pregação e o ensino, pois a Escritura diz: “Não amordace o boi enquanto está pisando o grão”, e “o trabalhador é digno de seu salário” (1Tim 5:17-18);*